

# Um veterinário catarinense nas geleiras do fim do mundo



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Natural de Florianópolis, graduado pelo CAV/ UDESC, a missão do Médico-Veterinário Guilherme Augusto Bortolotto, 35 anos, é no mínimo ousada. Ele está a bordo de um navio quebra gelo, entre as geleiras de Thwaites, conhecida como a geleira do fim do mundo, localizada na Antártida Ocidental, em um projeto relacionado com o aquecimento global. Seu trabalho especificamente envolve a localização, captura e tranquilização de focas-de-Weddell e elefantes marinhos.

Sua paixão pelo ambiente marinho começou na infância, cresceu na Praia do Santinho, Norte da Ilha, onde mergulhava nas piscinas naturais observando siris, mexilhões, ouriços-do-mar, anêmonas e todo aquele

ecossistema. O interesse aumentou na faculdade e os primeiros empregos foram na área de reabilitação de animais silvestres. Guilherme também chegou a atuar com clínica de pequenos animais, mas seguiu sua vocação.

“Estudar no CAV, longe do mar, não foi fácil. Mas como também sempre gostei muito de animais em geral, foi uma experiência muito positiva. Os estágios foram o que me guiaram para essa carreira de animais silvestres, conservação e ecologia. Fosse na própria universidade, em férias, fins de semana ou quando tranquei um semestre para passar seis

meses monitorando praias e atividades de pesca e fazendo educação ambiental em escolas no nordeste brasileiro, aquelas experiências foram essenciais pra moldar a forma como vejo minha profissão e o papel que quero ter como médico-veterinário, zoólogo, ecólogo e conservacionista”, explica.

Em Ilhéus (BA), ele fez Mestrado em Zoologia e depois seguiu para o Doutorado em Biologia na Universidade de St Andrews, na Escócia. Em seu doutorado,

seguiu uma linha semelhante como a do mestrado, estudando aspectos da ecologia da população de baleias jubarte que habitam a costa brasileira. Hoje é pesquisador Pós-

A bordo de um navio quebra gelo, o médico-veterinário catarinense faz parte de um projeto internacional nas geleiras de Thwaites, na Antártida



Registro de pinguim na inóspita Antártida



Animais são monitorados por meio de tags

-doutorado no *Sea Mammal Research Unit*, da mesma universidade escocesa.

Atualmente, como pesquisador do projeto que faz parte da Colaboração Internacional da Geleira de Thwaites, o objetivo é coletar dados e entender quais fatores oceanográficos e atmosféricos estão diretamente relacionados com o derretimento das geleiras no Mar de Amundsen, na porção Oeste da Antártida. Local onde as temperaturas giram em torno de 10 graus negativos, mas a sensação térmica de até menos 30 graus Celsius têm sido frequente.

“Este programa procurava alguém com experiência em trabalho de campo e

com as habilidades que desenvolvi durante meu doutorado em ecologia estatística. O fato de ter formação em veterinária foi de extremo interesse para o projeto”, explica.

No dia a dia, seu trabalho envolve capturar e tranquilizar focas-de-Weddell e elefantes marinhos, para colocar tags nesses animais. Os dispositivos irão medir parâmetros da água por onde os animais mergulham no Mar de Amundsen, o que nos permite observar de forma remota as correntes e temperaturas nessa área. Além disso, os tags fornecem informações

“Além do trabalho com os animais, são realizadas análises e aplicação de modelos estatísticos para investigação do paradeiro dos mesmos”

sobre o comportamento dos animais, onde estão e como mergulham.

O trabalho envolve ainda a preparação de equipamentos e planejamento para o campo, que ocorre durante o verão Antártico, entre dezembro e março. “Também realizo análises e estatísticas para investigar, por exemplo, para onde os animais vão e porque escolhem as áreas onde passam a maior parte do tempo.

O catarinense está agora a bordo do RVIB Nathaniel B. Palmer, um quebra-gelo de pesquisa fabricado nos Estados Unidos, ao lado de 32 pesquisadores, entre oceanógrafos, geologistas, químicos e outra equipe de 31 pessoas - tripulação e técnicos - que operam os equipamentos. Ele é o único médico-veterinário do grupo. “Há poucos dias capturamos mais de 15 focas antárticas e algo muito curioso aconteceu, encontramos um elefante-marinho em uma placa de gelo flutuante, o que é muito raro. Esse foi provavelmente o primeiro elefante-marinho a receber um tag no gelo e não em uma das ilhas da Antártica”, lembra. A previsão é que o projeto finalize nos próximos dois anos.

